SERMAO

QVE PREGOV

O P. FR. THOMAS ARANHA

Religioso da Ordem dos Prègado-
res, & Meſtre em Sancta
Theologia.

NA IGREjA D' ANNVNCIADA
de Lisboa.

Dia do Glorioſo Euangeliſta S. Lucas
no anno de 1644.

Eſtando o Diuiniſſimo SACRAMENTO
Expoſto.

Com todas as licenças neceſſarias.

EM LISBOA

Na Officina de Domingos Lopes Roſa. Anno 1646.

Impreſſo à cuſta de Ioseph do Auellar irmaõ da Confra-
ria do Sancto fundada na mesma
Igreja

SERMÃO

QVE PREGOV

O P. FR. THOMAS ARANHA

Religioso da Ordem dos Prégado-

res, & Mestre em Sancta

Theologia.

NA IGREJA D' ANNVNCIADA

de Lisboa.

Dia do Glorioso Euangelista S. Lucas

no anno de 1644.

Estando o Diuinissimo SACRAMENTO

Exposto.

Com todas as licenças necessarias.

EM LISBOA

Na Officina de Domingos Lopes Rola. Anno 1644.

Impresso á custa de Joseph de Avellar Irmão de Confra-

ria de Sancto Estevão da mesma

Igreja.

Tu autem Deus noſter ſuauis, & verus es, patiens, & in miſericordia diſponens omnia; non enim in errorem induxit nos hominum malæ artis excogitatio, nec umbra picturæ, labor ſine fructu, & effigies ſculpta per varios colores, cuius aſpectus inſenſato dat concupiſcentiam, & diligit mortuæ imaginis effigiem ſine anima. Sapientiæ ex cap. 15.

VPREMA, Auguſtiſſima, & diuiniſſima Mageſtade, Sol diuino, que antes de Sol poſto na Cruz, vos poleſtes, & encobriſtes entre as nuvens deſſas ſpecies ſacramentais, a fim de abraſardes como Sol de entre nuvens, mais noſſos coraçoẽs. Vida minha disfraçada com as ſombras antes com as viuas ſemelhanças da voſſa morte; morte da meſma morte, & do peccado feita baſa, peanha, apoio, & fundamento total da noſſa vida. *Ego ſum panis vitæ, & ego ero mors tua, ò mors.* As palauras propoſtas contem o principio do cap. 15. do liuro da Sabedoria, de cujo author, ainda que eſteja em opiniaõ o nome, & a peſſoa, carece com tudo de toda a duvida ſua admirauel doutrina, & a vtilidade dos morais diſcurſos de ſeu ſingular, & peregrino entendimento. *Ave Maria.*

§. I.

NAõ he certo (fieis) de ſorte, que ſeja ponto fora de controuerſia auer ſido o ſabio Salamão o author do liuro da Sabedoria, porque o grande Doutor da Igreja S. Hieronymo reſoluta, & deſtimidamente quer, que ſeja obra do Doutiſſimo Philo Hebreo, & com o author pagar eſta penſaõ a incerteſas, & duuidas, nenhũa admitte a excellencia de ſemelhante obra. Continua o Texto neſte capitulo 15. o argumento que nos cap. 13. & 14. começara, iſto he a reprouação, & confutação da Idolatria, & ami me parecerão taõ proprias, taõ ajuſtadas, & taõ germanas, aos aſſumptos, que a occaſião preſente eſtà pedindo, eſtas palauras, que fiei dellas todo o

empenho de obrigação, & de gosto, com que a este lugar v-
nho hoje. E se o discursar eu sobre semelhante thema, ou-
uer de igualar na felicidade, & na sutileza, & grandesa de
pensamentos, a abundancia, & forças dos motiuos, que el-
lemos ministra, & offerece, bem podera imitar a acçaõ, co n
que o nosso famoso Portugues em Inglaterra porque tinha
chegado tarde asentarse à mesa, onde estaua a pessoa do mes-
mo Rey, descontente do lugar que lhe coube (lugar enfim de
quem chega tarde) prègou hum punhal na mesa, dizendo, es-
ta he a cabeçeira, & o melhor lugar; & deite mão deste pu-
nhal, quem sentir o contrario exceptuando a pessoa del Rey
meu senhor. Todo o tempo que durou o banquete, esteue
o punhal pregado, & feito hum como leuantado padrão da
galhardia, & valentia portuguesa: Em banquete estamos;
que antigo he passar praça de mesa hum pulpito, & de
iguarias os conceitos. Eu senão venho tarde, pello menos
venho de tarde; restaua sò responder o talento, & a suffi-
ciencia minha, ao punhal, brio, & esforço do mestre da Gor-
rotea. *Hoc opus, hic labor est.* Confessouos que desejo fique o
louuor todo em casa, i á minha confiança sem pedir ajudas
de custo a virtude da cortesia, que tambem neste caso me fa
uorece muito. Mas não dilatemos mais as bondades, proprie-
dades, & conueniencias do nosso thema; que val, em bom
Romance, tanto como per orar, & exclamar assim o author
do liuro. Mas vos Deos nosso, sois suaue brando, & verdadei-
ro. E çofredor pacientissimo, & tão misericordioso como
prouido gouernador de todas as cousas creadas, por cuja parti-
cular misericordia, & beneficio nos vemos liures, & alheos
do erro da Idolatria, a que nos podera arriscar a errada, & pre
cipitada imaginação dos homens, que em parte inuentarão
màs artes, & em parte vzarão mal das boas, nem bastou a nos
enganar a sombra da pintura, trabalho sem fructo; nem as
imagens ornadas, encarnadas, & vistosas com bellas, &
varias cores; cuja vista solicita o desejo do ignorante, an-
tes poderosamente o executa por obsequios amorosos, & fer
uorosos affectos empregados na morta imagem falta da vi-
da

d. , & alma , que lhe fingem as almas de feus aman-
es.

Sendo a principal parte da noſſa empreſa, & occupação preſente auermos de fallar do diuiniſſimo Sacramento do altar; & concorrendo tambem a *juſta*, & honeſta obrigação de diſcrmos da nobiliſſima, & com razão ſempre eſtimada, & prezada arte da pintura, que ſae hoje, & campea tanto acoſtada aos merecimentos, glorias, & grandezas do glorioſo Euangeliſta Sam Lucas: bem ſe deixa ver, quão de molde vem as lauras, com que chamamos a eſte ſenhor Deos noſſo, ſuaue verdadeiro, & miſericordioſo, arrimandonos as expoſiçoẽs dos Doutores, que logo apontaremos, & outroſi quão acertadamente joga com a pintura eſte lugar do texto; no qual fazendoſſe *juntamente* menção do maior, & mais conſiderauel dano, que eſta arte pode occaſionar aos homens, ſe toca, & illuſtra glorioſamente, o maior louuor, que ſe lhe deue, o dano eſtâ, em occaſionar a idolatria, o louuor liura em ſer arte tão ſenhora dos affectos humanos, & tão poderoſa para mouer humanas inclinaçoẽs, & vontades. Ponderemos aduertida, & miudamente as palauras do texto. *Tu autem Deus noſter*, a interlineal diz em razão de lhe chamarmos Deos noſſo, *inæſtimabilis charitatis*. Deos de charidade maior, que toda a humana eſtimação. Pois quando, & onde mais, meu Deos, que neſſe Auguſtiſſimo Sacramento? *Deus omnium per creationem*, diz o Lyra, *noſter per cultum ſpecialem*. Deos de todas as naçoẽs do mundo, & de todas as couſas polla creação, mas Deos noſſo pollo culto, & veneraçaõ eſpecial; com que ſacramentado o veneramos, & adoramos. Melhor o declarou ainda Dioniſio Carthuſiano. *Deus noſter tamen ſpecialiter, per multiplicem pietatem & gratiam tuam in nobis*, da voſſa parte Senhor, por hũa multidão grande de reſpeitos cifrados em voſſa piedade ſoberana, em voſſo amor ineffauel, & em graças, & merces voſſas, que prodigamente amante, & amoroſamente prodigo deſde o tribunal, & ſitial diuino deſſes accidentes, & modo de ſacramental exiſtencia nos decretais, diſpenſais, & communicais, verificando bem a exclamação de Guerrico

Lyra.

Carthuſ

Guerr. Abbade, *ò Deum, si fas est dicere, prodigum sui.* E o sentimento
Concil. graue do Sancto concilio Tridentino com que disse, que *effu-*
Trid. *dit Christus omnes diuitias amoris sui*, neste diuinissimo mysterio.
E da nossa parte (dis o Carthusiano) *Deus noster per cultum quoque & deuotionem nostram quos tibi impendimus*: se bem nisto sempre nossas friezas, & defeitos nos não deixarão fazer o aluo, que deuiamos às pontualidades, & finezas, de que he iustissimo acredor vosso amor infinito: *suauis, & verus es*, continua o texto: em se tomando na boca, o termo de suauidade, se vai sem reparo, mas não sem iustificadissima causa o mais diuer-
Ioan. 6. tido, & frio pensamento ás doçuras, & suauidades daquelle pão do Ceo, *omne delactamentum in se habentem*, & no *verus es*, é serà se se inculcar misteriosa allusão ao *Caro mea vere est cibus*? nas quais palauras de christo Senhor nosso, sempre eu tiue para mi, que com aquelle termo, *vere*, verdadeiramente (que não parecia ser necessario, nem para a substancia do mysterio,
Lyra. nem para a significação do Amor, nem para o sentido, & verdade da proposição) se dá claramente hum remoque ou pique à falsidade, & mentiras dos bens do mundo. Fauorecenos o Nicolao de Lyra, que dis aqui, *verus es contra falsitatem Idolorum*: logo por contraposição, & gloriosa differença entre o solido, & firme da verdade de Deos, & o lubrico, falso, & inconstante dos enganos, & embustes do mundo, & de toda a sua Idolatria o declara. Ia estes motiuos em ordem a este soberano Sacrameuto, são tantas, tam altas, & encapeladas ondas, que ameaçaõ com manifestas çoçobras, & perigoso naufragio, ao pequeno, & fragil barco do meu talento, & juizo.

§. II.

N*On enim in errorem induxit nos* (acrescenta o Sabio, interpostas no texto poucas palauras, que por não variarem o sentido essencial das assima declaradas deixo) condenando, o mao vzo da pintura, & aprouando, & louuando excellencia della o mao vzo chama aquelle, com que os pinzeis se empregão em pintar idolos: com desenho, & tenção ordenada a adoração desses Jdolos: mas eu de proposito vzei

do

termo de occasionar, fallando deste effeito da arte para a
iurar de causalidade, & influencias a respeito da idolatria
mal. Porque realmente os delineamentos, & acçaõ materi-
al da pintura sempre saõ dignos de louuor, se os entendimen
tos errados, & cegos senão abalançarem a occasião do erro,
tomada iniusta, & como passiuamente. E com tudo são muito
para notar as palauras do capitulo 14. antecedente, & o rigor
dellas: que parece não disculpa tanto a acção dos pintores, &
sculptores tambem (que em todos milita a mesma razaõ) co
desejaua. *Prouexit autem ad horum (scilicet Idolorum) culturam artificis eximia diligentia Ille enim volens plus placere illi, qui se assumpsit, elaborauit arte sua, vt similitudinem in melius figuraret.* A beneficio, industria, & destreza de pinzel, leuantão tes
temunhos a natureza, acrescentando luzes, & resplandores ás
humanas fermosuras copiadas, que os seus Originais se appe
teceraõ, não lograraõ: & por essa razam *prouexit ad culturam Idolorum* promoueo, apoiou, adiantou o culto desses Idolos, *talis eximia diligentia.* Mas sem embargo deste texto, no querer
& no desenho, & fim, poderà estar a culpa, & não no pintar
perfeita, & soberanamente. Sendo por outra parte cousa cer
ta aueremse de conceder à arte grandes poderes, & valentes
impulsos para mouer, & esporcar os affectos d'alma que na
minha opiniaõ he hum dos mais sublimes elogios, ou o ma-
ior que desta generosa arte podemos publicar. E he o que re-
zaõ aquellas palauras vltimas do Thema, *cuius aspectus insensato dat concupiscentiam, & deligit mortuæ imaginis effigiem sine anima.* O Lyra explica, *attrahens eius animum ad Idoli reuerentiam,*
mas he porque esse homem he nescio, se se passa assim facil-
mente, do fermoso, ao diuino do pintado, ao verdadeiro. Hu
Cardeal diz, & bem, *homini simplici dat concupiscentiam colendi, & venerandi Idolum, vt Deum.* Carthusiano, *idest affectum insipientis inspectoris inclinat ad Idoli cultum, atque amorem.* Chama
pintura trabalho sem fructo, ou em quanto a considera ac-
çaõ peccaminosa fautora da Idolatria, ou em razão de não
ser couza eterna; que he o sentido em que tambem lhe cha-
ma sombra como tambem he sombra o mundo todo, ou por

Sapient 14.

Lyra.

Hugo Cardin

Cartus.

ventura.

ventura porque da ſombra do homem teue principio a pin-
Plinio. tura aſſim o diz Plinio lib. 35. cap. 9. *omnes dicunt abumbra hominis lineis circumducta initium accepiſſe.* E com iſto me hei
deſempenhado no que toca à expoſição, & applicaçaõ d
Thema,

Os ſonhos Nocturnos, que por boa & commum philoſophia ſaõ huns confuſos effeitos dos diſcurſos, & occupaçoẽs do dia, melhor ſe contão, & relatão logo pella manhã, que mais à tarde, quando ja a memoria naõ eſtá taõ obrigada a dar boa conta delles; digo ſonhos da noite, porque tambem ha ſonhar de dia, ou ſe enganou o Philoſopho, quando diſcretamente chamou ás eſperanças dos pretendentes da corte, ſonhos degente acordada, *ſpes vigilantium in ſomnia.* Com tudo quero
Ariſt. uos propor o que em ſonhos eſta noite paſſada ſe me repreſentou. Pareciame eſtar vendo o preſepio de Belem, & a harme nelle (não começa eſte ſonho mal aſſombrado) porem notaua mais figuras, do que lhe pintão de ordinario. Eſtaua o noſſo diuino pintor S. Lucas, que eu logo conheci pella ſua Victima Sacerdotal, que inſeparauelmente o acompanha; & iulguei; que eſtaua offerecendo o pinzel, que na mão tinha, á Virgem Sereniſſima Senhora Noſſa, & a Senhora metialhe na outra mão, hũa pena de eſcreuer mui bem aparada, & dourada. Iunto a elle ſe me repreſentou hum galhardiſſimo, & fermoſiſſimo mancebo, cõ os pès deſcalços, a cabeça deſcuberta, ſem venda nos olhos, veſtido de roupas pobres, que aſſim eſtá mais honeſto, & mais vẽ a ſignificar o meſmo q̃ os antigos derão a entender com o deſpirem, q̃ he a liberalidade, o lado aberto na teſta hũas letras, que dizião, *ver*, *hyems*, por baixo do coraçaõ, outras, *Vita*, *mors*, na bordadura do veſtido eſtas, *longe*, *prope*. E tinha na mão tambẽ hũ pinzel cõ preuenção, palheta, & tintas para pintar a oleo. E eſtaua cõ os olhos fitos, & pregados no Menino Ieſu, como quem o pretendia retratar; logo me dei a entender, que era o Amor diuino, que foi o ſoberano Apelles, que na inſtituiçaõ do diuiniſſimo Sacramento nos deixou feito hũ viuo, & natural retrato da morte, & paixão de Chriſto Senhor Noſſo. Pois Padre, & deſdo Preſepio

de

de Belem começou o diuino Amor eſsa pintura? O pois não ſabem, que Belem *domus panis interpretatur*, & que ſe pode por q̃ queſtão, chamandoſse Belem, caſa de paõ. ſe quis o Verbo eterno que primeiro o conſideraſsemos naſcido, ſe Sacramentado, & que ja entaõ aquellas faixas, & mantilhas infantis, que lo cobriaõ, eſtauão ſymbolizando aquellas eſpecies Sacramentais, que no lo eſcondem? Todas ſaõ imaginaçoẽs colhidas de Sanctos, & a Virgem Senhora Noſsa lendo a pena a Sam Lucas ſignifica auer ſido a Virgem Sanctiſſima particularmente Meſtra de Sam Lucas, & que lhe enſinou o que deuia eſcreuer; entrando tambem niſto o Apoſtolo Sam Paulo, que como dizem graues Authores praticou a Sam Lucas a maior parte das couſas, que nos deixou eſcritas, & por eſta razaõ chama Sam Paulo ſeu Euangelho a, ao de Sam Lucas, *ſecundum Euangelium meum*; na carta que eſcreue aos Romanos cap. 2. E o myſterio de Sam Lucas, eſtar offerecendo à Virgem Sanctiſſima o ſeu pinzel, que vem a inculcarnos? moſtra o ſer na verdade Sam Lucas o Chroniſta per excellencia, & como antonomaſticamente da infancia de Chriſto Senhor Noſſo, & das couſas della, & das virtudes, & das prerogatiuas da Senhora; & aſſim fallou de todas as miudeſas, do naſcimento, & infancia de Chriſto, que parece eſcreuia pintando, ou pintaua eſcreuendo; & por iſſo a Virgem Sereniſſima lhe entregaua a pena, & ele lhe comendia, ſe affectuoſamente lhe oſtentaua o pinzel.

Ad Roman. 2.

§: III.

ORa voltemos â pintura do Amor diuino. O diuiniſſimo Sacramento, *eſt memoriale Dominicæ paſſionis quoties cunque enim manducabitis, mortem Domini annuntiabitis, &c.* E S. Thomas em hum dos opuſculos que compos deſte ſoberano myſterio, diz que hũa das cauſas da inſtituiçaõ delle, foi *memoria Saluatoris*, & por cauſa deſta repreſentaçaõ da morte, ſabida couſa he, que nos quis Chriſto Senhor Noſso deixar ſeu precioſo ſangue debaixo das

S. Tho.

ſpecies de vinho, *ex vi Verborum* apartadamente das eſpec
de pão debaixo das quais nos deixaua ſeu Sanctiſſimo cor-
po eſta ſeparação dizem os Doutores, que ſignifica a mor
Mas pergunto, quem vio nunqua pintarſe o retrato primei-
ro, que o original tenha ſer? Se o diuiniſſimo Sacramento
ſe inſtituia para memoria, & viuo retrat da paixão, parece
que fora mais conueniente inſtituilo C iſto Senhor Noſſo,
deſpois de reſuſcitado, & ja deſpois de padecido, & não
antes de morrer, para que não admittamos ter, no retrato
meiro, que no Original, & no exemplar, & Prototypo
pondo que em Chriſto Senhor Noſſo, antes de morrer acha-
uaſſe deſejo de padecer, & não ainda o goſto de ter padecido,
& deſpois de padecer, achauaſſe o goſto de ter padecido, más
não o deſejo, porque ja não tinha lugar. A traça pois, & o de-
ſenho do Amor diuino foi querer, que Chriſto liſongea ma
is ao deſejo de padecer, antes da morte, que ao goſto de ter
padecido, paſſada ella, porque com aquelle deſejo tinha mais
relaçaõ, e conueniencia o noſſo remedio; & para que com eſ-
te retrato, ſe lhe acendeſſe, & picaſſe mais o deſejo, & ſe lhe
rt. dobraſſem aluoroços, & anſias (ponto, que grauemente illuſ-
traraõ, entre os mais Doutores) o grande Tertuliano, & o Biſ
Roffenſ. po Roffenſe contra Æcolompadio, ſe quis Sacramentar an-
teş da ſua morte; & agora entenderaõ o miſterio, com que
diſſe, *deſiderio deſideraui hoc Paſcha manducare vobiſcum.* Deſejei,
com o deſejo vaitanto como dizer; o deſejo, qne eu tinha de
morrer, me fez deſejar o Sacramentarme; para qu com eſte
Sacramento, ſe aferuoraſſe, & incitaſſe mais aquelle deſejo
& ao meſmo paſſo ſe ſegur aſſem mais voſſos proueitos, & i
tereces; ſe me Sacramentara deſpois de morto, & reſuſcitado
liſongeara mais a meu goſto, que a voſſo remedio, & eu que-
ro moſtrar, que mais eſtimo, & reſpeito eſte, que meu proprio
Origin. goſto. Ponderou o grande Origenes deuota, & douta mente
o não eſtar Chriſto Senhor Noſſo mais q tres horas na Cruz
ſendo, que liuraua todo o ſeu goſto, & contentamento em pa
decer mais dilatadas penas; logo Senhor, para que vos aueis
com tão eſcaſſa, & limitada taixa, ou termo no tempo, que

gaſtais

ſtais na Cruz? que a durar eſte mais, durara mais o goſto, com qne padeceis? & aſſim o deſtes (Senhor) a entender dizendo o *conſummatum eſt* per interrogaeão (que aſſim o lem ...aitos) he poſſiuel, que ja ſe acabaraõ penas, & tormentos, & o tempo de os padecer. Reſponde Origenes, que deſpois deſſe *Conſummatum eſt* todo o tempo, que eſtiueſſe na Cruz, ſe bem ſetuia para a co ...lumação de ſeu goſto, não conuinha á do noſſo remedio, ...tes conduzia conſumaçoẽs da ingratidão humana (*...ſſue, & occaſionaliter*) porque quanto mais tempo Chriſto Senhor Noſſo eſtiueſſe na Cruz ſem os homens ſe ſaberem, & quererem aproueitar de tão ſoberano beneficio mais ſahirião neſſes homens, os baixos da ingratidaõ (o que altos, & baixos eſtes para ſe conferirem altos da Cruz, & baixos da ingratidaõ!) Pois ſe com o *conſummatum eſt*) diz Chriſto) ſe pos feliciſſimo remate ao remedio, & ſaluação dos homens (não ſe excluindo com tudo a cooperação do noſſo liure aluedrio, & os noſſos merecimentos acoſtados aos de Chriſto noſſo Redemptor, como com impiedade, & futilidade grande, pretendeo Caluino inferir do *conſummatum eſt*, não quero eſtar mais na Cruz para atalhar, & euitar aſſim o *conſummatum eſt* da ingratidão dos peccadores, & para moſtrar, que perde o bolo meu proprio goſto, à viſta do ſeu remedio delles pois o proprio remedio ſeu, foi ſempre o meu maior goſto. *Miraculum enim erat, quoniam poſt tres horas receptus ſit, qui forte biduum victurus erat in cruce ſecundum conſuetudinem eorum, qui ſuſpenduntur quidem non autem percutiuntur, vt videretur beneficium Dei fui..., quod expirauit, & meritum orationis eius, magis, quam violentia crucis.*

§. IV.

O Segundo primor do pinzel do Amor diuino neſte retrato, & memorial, que fez inſtituindo eſte diuiniſſimo Sacramento, foi pintalo de maneira, que quem o viſſe logo podeſſe dizer, que era noſſo o quadro, & que para nós ſe fizera, & que a boca chea, como dizem, lhe podiamos chamar noſſo, & he o motiuo, que deuemos ás primeiras palauras do Thema, *Tu autem Deus noſter*, o chamarmos noſſo a noſſo Deos

com particular justiça, & titulo polla cabeça de ser manjar, & mantimento nosso nos abonou o nosso Doutor Angelico S. Thomas claramente pollo mesmo caso, que applica à este Augustissimo mysterio aquellas palauras do 4. do Deuteronomio, *nec est alia natio tam grandisque habeat Deos appropinquantes sibi sicut adest nobis Deus noster.* Pão dos Anjos se chama este mesmo Deos, *panem Angelorum manducauit homo*, porem nelles todo esse nome de pão se vem a reduzir á substancia, & sustentação da gloria, & visaõ beata, sem lhes competir a propriedade do vzo de manjar, & verdadeiro bocado, de que nos serue a nós rigorosamente: seja embora pão seu substancial, mas não nos poderaõ negar, que lhe não haõ de chamar como nos, sacrificio nosso, suffragio nosso, bocado nosso, medicamento nosso, Sacramento nosso. *Pharmacum immortalitatis* lhe chama S. Igoacio bebida medicinal, que causa em nòs immortal, & eterna saude. E o mysterio, que eu noto, em lhe chamarmos *Deus noster*, he pagarmonos com confiança, & amoroso retorno, chamando nossa a sua diuindade, *Deus noster*, de este Senhor chamar à nossa carne, carne sua, neste diuinissimo Sacramento; *caro mea verè est cibus.* Senhor, vos dizeis *caro mea*, pois eu digo, *Deus noster*, a fé Senhor, que mui bem nos pagamos, & tal vai de guerra, como dizem, & mais de guerra de Amor, na qual se puxa por reuezados retornos, & reciprocas correspondencias, com mais exaccaõ, & rigor, que o de hum fisco Real. Para o que vos peço me acompanheis, no seguinte discurso. Em tres lugares, entre outros, falou Christo Senhor Nosso, em sua carne, & seu sangue; em hum delles chamou á sua carne expressamente, sua, & he o lugar do cap. 6. de S. João *caro mea, &c.* No outro lugar, que he do cap. 63 de Isaias, chama ao seu sangue, sangue nosso, *& aspersus est sanguis eorum super vestimenta mea.* Em outro lugar, nem lhe chama carne sua, nem nossa expressamente, mas vza só do nome de carne; & he o lugar que digo o das palauras, que disse no Horto, *spiritus quidem promptus, caro autem infirma.* Não disse claramente, *caro mea.* Pois qual sera a razão, porque quando nos dà sua carne, em mantimento, então lhe chama

S. Thom Deut. 4.

Isaí. 63

carne

ne ſua, *caro mea*, moſtrando que ſe honra, & preza della, ...eſſas forças tem o encher a boca, de *caro mea*, & quan- derrama eſſe ſangue por nòs, padecendo por nòs, então ...hama noſſo? *& aſperſus eſt ſanguis eorum?* a razão he, por- e tem por honra ſua os noſſos proueitos, & faz das ſuas ...ores, merecimento noſſo, & não ſeu; por maneira que ...uando nos dà eſſa c rne, em mantimento, & manjar noſſo, ...porque he proueito ...oſſo, então moſtra que ſe honra deſſa ...rne, & quando ...adece, porque no padecer, conſiſte o me- rece... quer que tudo o que ha nas dores de merecimento, ſe- ..., & corra por noſſa conta; de ſorte que atè de ſeu pro prio merecimento ſe quer desfazer, por nolometer em caſa, como ſe diſsera, ami naõ ſe me deue tanto, a elles ſe deue que o ſangue he ſeu, *& aſperſus eſt ſanguis eorum.* E em qual dos lan- ços moſtrou maior fineza de Amor? em ter o noſſo proueito por honra ſua, ou em ter o ſeu proprio merecimento, por me- recimento noſſo? Reſpondo, que neſte ſegundo lanço, porq iſto nos fez ſacrificio da maior honra ſua; porque maior hon ra, em razão de amante, foi merecer eſte Senhor padecendo, & padecer merecendo, que a honra de nos ſer de preſtar, & proueito a nós, porque eſta honra, *exgenere ſuo*, conuem a todo o bemfeitor, & a todo o liberal, & grandioſo, & generoſo eſ- pirito, que tem por honra o dar, & o ſer de proueito aos ou- tros. Não nego, que por outras cabeças foi o Sactamentarſe o *non plus vltra* de ſeu Amor; iſto he polla vnião, q com iſto pre- tendeo, & polla humildade, a que ſe abateo. E qual foi a razão ...porque ...o lugar do Horto lhe não chamou, nem carne ſua, nẽ ...rne ...oſsa? foi porq naquella occaſião, como a carne temia ...morte, nem fazia as partes de ſeu diuino Amor, nem as de ...o noſſo remedio, antes moſtraua opporſe as ordens, & decretos ...de hũa, & outra couſa. Se bem pollo meſmo caſo, que Chriſto ...expreſsou a fraqueza deſsa carne, dizendo *caro autem in- firma* bem claramente a fiquou marcando, & aualiando por carne noſsa, pois o eſtanque de to las as fraquezas, & temo- res corria então sò por conta da natureza humana, & da noſ- ſa carne em quanto noſsa.

§. V.

SEja o terceiro raſgo, ou linha do pinzel do diuino Amor, o *verus es* do noſſo thema combinado com o *vere eſt cibi* como ja tocamos, pois que fes ſem duuida alluſaõ á falſida. & engano das iguarias apparentes, & pintadas, aſſim que ſ pique como ſe diſſera sò minha carne he verdadeira comida & ſuſtento, bem differente por certo d' aquelles com que mundo vos engana, tratandouos bem ; ſin como la o outro Emperador de Roma trataua os ſeus com dados, dos quai zombaua offereçendolhes nos pratos as iguarias pintadas. As iguarias do mundo podemſe chamar *panis mendacij*,

Oſeæ. 10. mentira; conforme aquelle lugar do capitulo 10. de Oſeas, *ſeminaſtis frugem mendacij, oſtrugem mendacem*, como lem os ſetenta. Lembrame ami, que expondo eſte lugar de Oſeas, chamei algum hora paõ de mentira, o paõ, que os finos aduladores comem nas caſas dos principes, & dos grandes, que ſaõ o Ægypto mais ſogeito, & miſerauelmente expoſto a ſemelhante praga, liſongeiros falſos, & mentirоſos ſaõ a praga do Paço; o centro da mentira parece que he a corte, & o paço, &

S. Amb. S. Ambroſio chegoua affirmar, que até o Senhor S. Pedro tanto que entrou no paço logo tambem mentio. Quiçá fallara mais verdade, & não negara a ſeu Meſtre, & ſenhor ſenaõ entrara em ſemelhante lugar, *vbi tamen negat Petrus, non in monte* (diz S. Ambroſio) *non in templo, non in ſua domo, ſed in prætorio Iudæorum in domo Principis ſacerdotum, ibi negat, vbi veritas non eſt.* Pois paõ ganhado, & grangeado a poder de mentiras, bem ſe pode chamar paõ de mentira. Com tudo o ſent. do mais proprio, & mais litteral ou pelo menos mais viſinho ao rigor da letra, he chamarmos paõ de mentira ao paõ, que parece paõ, & não o he, & ao paõ, que he tão fallido, & tão ſem ſubſtancia, que por mais que delle ſe coma, não pode deſterrar a fome de ſeu dono. *fallaces ſunt diuitiæ*) diſſe o grande

S. Gr. g. Gregorio) *quæ mentis noſtræ inopiam non expellunt*; Dizeime (fieis) por mais chea de iguarias, & de mãjares, que eſteja a meſa, ſe eſſes manjares forem ſomente viſtos, & não comidos, nem tocados, poderuoshão ſatisfazer a fome, ou remedear voſſa neceſſi-

ſſidade? não por certo. Antes creo, que a viſta não ſerui-
mais, que de picar, & acrelcentar o deſejo, & de dar nouas
as *à ſede, ardentior ſitis fit, quæ caſſa potione deluſa eſt*, diſſe Phi
cegamente, pois iſſo fazem os manjares, & iguarias do *Philo.*
ndo, & todos os bens da terra; tudo para em oſtentação,
repreſentação com o phantaſtica; & quero que ouçais dizer
confeſſar iſto aos meſmos maos, porque conforme a S. Au- *S. Aug.*
guſtinho, & a S. Hieronymo dos quais ſe aproueita hum mo- *S. Hier.*
no douto, eſte he o eſpirito daquellas palauras do Pſalmiſ *Bacça*
m nome dos maos. *Quis oſtendit, ou quis oſtendet nobis*
cur oſtendit, & non dabit? Porque diſſerão, quem nos
moſtrara eſtes bens, & iguarias, que deſejamos, & não diſſerão
quem no las dará? Reſponde o moderno, que digo, *ſanè, quod*
hæc omnia, quæ tanta auiditate homines inſectantur, & concupiſcunt,
eius generis bona ſunt, quæ exterius ſolum oſtendantur, non vero inte-
rius animum, & pectus intrent. Tudo he folha, oſtentação, &
apparencia tudo ſaõ pratos de Heliogabalo; & cabelhes a eſ-
tes noſſos manjares do mundo, & a eſſes bens da terra, aquel-
la noſſa phraſe, & luſitanilmo, de que vzamos dizendo velos
com os olhos, & comelos com a teſta. *Quis oſtendet nobis bona.*
Não aſſim te acontecera o diſcreta, & venturoſa alma chriſ-
tã, ſe te ſoubéres aproueitar daquelle verdadeiro manjar, &
pão de vida porque ſó elle te pode ſatisfazer, & ſó nelle po-
dem liurar ſeguramente tuas eſperanças, todo o remedio de
uas neceſſidades, & ſó eſte verdadeiro mantimento te pode
ſtentar, & alentar de maneira, que te faça como alhea, izen-
, & independente dos proprios manjares, & bens do mundo
uus enebrians, quam præclarus eſt. S. Cypriano lee, *quam per* *S. Cypr.*
imus eſt, na qual palaura tem para ſi o meſmo S. Cypriano,
e ſe nos deo a entender hum exceſſo, & hũa quinta eſſencia
e bondade, com que eſte diuiniſſimo Sacramento nos inclí-
a, & ſogeita a todo o genero de virtude, & nos faz modera-
os, & parcos, & de hum certo modo endependentes de bens
da terra, as palauras de Cypriano na epiſtola 63. ſaõ eſtas, *addi*
dit quam per optimus, quod ſcilicet calix Dominicus ſic bibentes ine-
briat, vt ſobrios faciat.

§. VI.

§. VI.

PArece que basta ja odito acerca deste primeiro retrato obra do diuino Amor, chamanos o diuino, & alenta pinzel do nosso diuino Medico, & pintor, o glorioso S. Lucas; que tudo foi para entendermos, que assim curaua as almas, como pintaua fermosos os corpos, & assim curaua os corpos, como fazia fermosas as almas. Dizem alguns authores, que não exercitaua o Sancto a arte da pintura para viuer por ella, como realmente exercitaua a arte de medicina ja pode ser que da medicina trataua mais, por ma[illegible]da, à poder fazer com ella muitas esmolas a pobre[illegible] dos de graça modo de esmolar, q não sei se he muito vzado dos senhores medicos de Lisboa, o que sei he que lhes ha Deos de pedir estreita conta, de assim o não auerem feito. E daqui recolho eu tambem a meu ver, com grande probabilidade, que podemos crer aprendeo Sam Lucas, a arte de pintar sem assistencia, & liçoẽs de outro Mestre, mais que sua propria curiosidade, & habilidade; porque quem assenta comsigo não se sustentar da arte, contentasse com saber della, o que seu proprio engenho lhe faz auançar de alguns raros engenhos lemos, que se assinalaraõ na sciencia das artes liberais, sem andarem em Eschola, & sahindo tão primo, & vnico na arte, como sahio o glorioso Sam Lucas tambem me dou a entender fundado em boa razão, que por ventura suspenderia tanto o exercicio da arte, por tirar occasiões, & diminuir forças á inueja, que os outros pintores, lhe teriãc, que para crescentarem ao erro de inuejar (que he grande) o de accommodarem, & empregarem mal suas inuejas; auerião de por mais digno de ser inuejado o ganbar S. Lucas muito ouro, que o ter aprendido sem auer sido discipulo. Fieis nesta materia de ser inuejados, vos quero communicar hum Aphrismo meu, que tem duas, ou tres partes, & vos ha de parecer bem, se me não engano, não ter partes, que solicitem a inueja alhea, nem que a mereção, he pobresa, & he miseria, conforme aquelles dous textos de Seneca, *infelix fortuna, qua inimico caret*; & o outro na epistola 74. *inuidia pernicioſum optimi telum*

Seneca.

um, ſempre a inueja foi a mais nociua, & offenſiua arma cõ ra os melhores; & aquella ſentença de Velleio paterculo, *inui eminentis fortunæ comes*. He companheira inſeparauel de to a a eminente fortuna, não à ſaber çofrer he cobardia, & vile a de animo; não a temer, he valor; mas incitala, & eſporea- a he pouca prudencia. Por iſſo Chriſto Senhor Noſſo moſ- rou em algũs occaſioens, que furtaua o corpo aos incen- dios da inueja phariſaica, & aguarentaua de ptopoſito os fun. damentos, & motiuos, que de ſer inuejado lhes podia dar Sam João Chriſoſtomo, em Chriſto Senhor Noſſo e curou o paralitico da piſcina, voltar logo as coſtas, & anzencarſe como fugindo, *neque ignarus erat innidioſi ſolam præſentiam non paruam inuidorum animis furoris ſcyntillam excita- re*, com lhes negar ſua diuina preſença, lhes quis tempe- rar, & rebater os fios, & golpes da inueja, que vem a ſer hũa parte do Conſelho que Seneca nos dà na epiſtola cen- to & ſinco, quando dis; *ſic vero inuidiam effugies, ſi te non in- geſſeris oculis, ſi bona tua non jactaueris, ſi ſcieris in ſinu gaudere.* Seneca. Gentil modo de dizer, porque ha homens que não ſabem, nem he em ſua mão lograr hũa proſperidade, & hum goſto de ſeio, & como de manga, & alegrarſe debaixo do ſeu manto. E não vai muito longe deſtes auiſos, & conſelhos, o que tambem Seneca diz, fallando com os grandes, & que occupaõ poſtos, & lugares publicos, & altos na re- publica. *Tutiores erunt ſuperbiam detrahendo rebus per ſe ſu- perbis, & fortunam ſuam, quam maxime poterunt in planum referendo. Multi quidem ſunt, quibus neceſſario hærendum ſit faſtigio ſuo, ex quo non poſſunt niſi cadendo deſcendere, ſed hoc ipſo teſtentur maximum onus ſuum eſſe, quod alijs graues eſſe cogantur, nec ſubleuatos ſe, ſed ſuffixos.* Moſtremſe pre- ſos per obrigação, & não leuanta los per ſoberba, ambição, & goſto. Retratou o noſſo diuino pintor Sam Lucas, a meſ ma graça, & termoſura, & acreſcentemos humana, por hon- ra noſſa, mas pedindo perdão a taõ diuino prodigio; que- ro dizer, que nos deixou hum retrato da Virgem Senho- ra Noſſa, imagem que o Ceo honrou, & authorizou com

muita copia de milagres. Deixounos outrosi outra imag de Christo Senhor nosso; & tambem dizem que lhe deuem as viuas, & naturais, semelhanças dos gloriosos Apostolos Pedro, & S. Paulo. E posto que este amoroso obsequio & seruiço feito à Virgem Serenissima, a obrigaria nos limites deuido agradecimento; maiormente sendo o fim da diligencia de S. Lucas o bem espiritual, dos fieis, que vissem em quanto o mundo durasse aquelle thesouro, aquelle centro, modelo & exemplar de graça, & de bellesa; com tudo muito mais obrigou o nosso Sagrado Chronista a Virgẽ Sanctissima, seruiço lhe fes cõ a pena, q̃ cõ o pinzel; fazẽdonos, m[illegible] a ctissima, & singularissima no seu textosãcto das virtudes heroicas da Virgẽ Sacratissima da sua humildade da sua obediẽcia da sua puresa, da sua charidade. Cõsideração he de hũ douto, a q̃ achei espirito, & galãtaria o dizer q̃ S. Matheus, & S. Lucas ã bos pintaraõ a Senhora nos seus Euãgelhos; mas cõ esta differẽça; & he q̃ S. Matheus pintou a Senhora como a hũ Ceo de dia, & S. Lucas como a hũ Ceo de noite, em noite clara, & serena S. Matheus não tratou de mais, q̃ de dizer, *de qua natus est Iesus, qui vocatur Christus.* E pondolhe o menino Iesu nos braços foi como pintar hum sol no meyo do Ceo, que de dia somente o Sol se vè no Ceo, & não apparecem as estrellas. S. Lucas pintou esse Ceo todo semeado, & marchetado de estrellas, & auendosse de entender pollas estrelas as virtudes, & os merecimentos da Virgem Sanctissima, vemse a deduzir, que muito mais engrandeceo, & mais fermosa nos mostrou S. Lucas a Virgem Senhora nossa, porque maior grandesa he para a Senhora, o excesso de sua graça iustificante, & os portentos estremos de suas virtudes pessoais, que a dignidade, & honra de maẽ de Deos, & he o que disserão S. Augustinho, & o venerauel Beda, quando taõ piacomo doutamente resoluerão, que *beatior, & felicior est Virgo Maria, quia concepit Deum mente, quam ventre.* São as ventagens gloriosas que sempre o merecimento fes a todas as honras, lugares, & dignidades principalmente os grangeados, & acquiridos por beneuolencia, & fauor de fortuna (para que per extenção fallemos tambem destes) que

S. Aug. Beda.

no

repartir dos ſeus bens, raramente acerta a ſe mãocommunar com a razão, & commummente os reparte ſem ella.

Pagoulhe a Virgem Senhora nõſſa d'ante mão a po atualidade, & primor deſtes ſeruiços ao noſſo diuino pintor, com e fazer tantos fauores, & o tratar tão familiarmente, que po de aſpirar S. Lucas glorioſamente a amagos de competencia com o diuino Euangeliſta S. João na razão de bem viſto, & valido; & não falta. quem diga que deſpois de ſeu filho S. João em ſegundo lugar, ninguem foi tratado da Senhora com mais familiaridade, & com maiores finais, & prendas de Amor o glorioſo S. Lucas, & quanto ami em hũa couſa quis a Senhora (impetrando eſte priuilegio de ſeu filho, & Senhor noſſo) que foſſe S. Lucas mui ſemelhante ao Euangeliſta S. João; & he em ſer martyr ſem acabar a vida violentamente, & nas mãos do martyrio. Fundo iſto em que ha duas opiniões acerca de ſer martyr, ou não S. Lucas; hũa nega, & outra affirma, eu de ambas me aproueito para a minha imaginação, & digo com huns Authores que foi martyr, & com outros, q̃ não morreo no martyrio, para que fiquando aſſim a morte, & a conſumação do martyrio em duuida, fiquaſſe ſem ella, & corrente o priuilegio, em que a Virgem Sanctiſſima o quis fazer ſemelhante ao diuino Euangeliſta para lhe chamarmos martyr, não monta pouco, antes he apoio notauel o vermos, que foi *comes peregrinationum D. Pauli*, companheiro de ſuas peregrinaçoẽs, & juntamente participante de ſuas perſeguiçoẽs & tão querido, & bem viſto do meſmo Apoſtolo como vemos em ſuas epiſtolas. Grande louuor por certo, & não vulgar gloria deſte glorioſo Sancto; porque como diſſe bem S. João Chriſoſtomo, *magnum eſt a Paulo fuiſſe dilectum* As miudezas, que S. Lucas nos relatou do naſcimento, & infancia de Chriſto Senhor noſſo, forão em cauſa de alguns Authores aſſentarem (& com grande madureſa de juizo) que da boca da Virgem Senhora Noſſa, ouuio S. Lucas todas aquellas particularidades; como tambem colheo da informação de S. Paulo outros caſos, & myſterios. S. Ambroſio naquelle verſinho do Pſalmo 59, *moab olla ſpei meæ*, bem ſabem, que leo *moab*

Chryſ.

Pſalmo 59.

S. Amb.

aula

aula ſpeimea, & entende o da Virgem Senhora Noſſa com luſaõ a Ruth hũa das molheres ſuas aſcendentes, & auós, que foi Moabitis. E fallando dos ſegredos, & myſterios, que Virgem Senhora Noſſa enſinou a ſeu filho Sam Ioaõ, chama a Senhora *aula*, em que Sam Ioaõ aprendeo, *præſto fuit illi aula cæleſtium omnium Sacramentorum.* Dignesſe o diuino Euangeliſta de aceitar, & admittir por ſeu digniſſimo condiſcipulo neſte ge[illegible], & vniuerſidade celeſte ao noſſo glorioſo Euangeliſta Sam Lucas, pois tantos ſegredos, & arcanos deue à familiaridade da [illegible] & por eſta razão me não eſpanto eu de que eſcreuer [illegible] Lucas, como teſtemunha de ouuida, valha tanto, & ſeja taõ fidedigno, contando o que ouuio, como os outros Euangeliſtas affirmando o que viraõ como teſtemunhas de viſta, que he louuor não pequeno deſte Sagrado Chroniſta; & aſſim os Doutores, que não tem para ſi, que Sam Lucas foi do numero dos ſetenta, & dous diſcipulos (opiniaõ, que me naõ parece mal) ſaibaõ, que nos ajudaõ a fundar eſte naõ vulgar encomio de Sam Lucas. E para que tambem viſſemos o fauor, que o proprio Amor diuino (ao qual conſtituimos pintor do diuiniſſimo Sacramento, como ja ouuiſtes) fes ao glorioſo Sam Lucas, ouçaõ hũa couſa grande, que tenho aduertido no texto de Sam Lucas, quando falla da inſtituiçaõ do Sanctiſſimo Sacramento, & he que duas vezes faz mençaõ da conſagraçaõ do Calis, & duas vezes falla do ſangue; *& accepto calice gratias egit, & dixit accipite, & diuidite inter nos; & accepto pane gratias egit, & fregit & dedit eis dens, hoc eſt corpus meum, quod pro vobis datur. Hoc facite in meam commemorationem*, & acreſcenta logo *ſimiliter & calicem poſt quam cænauit dicens, hic eſt calix, novum teſtamentum in ſanguine meo, qui pro vobis fundetur*; myſterioſo caſó! duas vezes falla no calis, & no ſangue. Como molhando a penna, & molhando o pinzel tambem; ou digamos diuino pintor, que preparais aquelle diuino Roſicler do ſangue de Ieſu como moendo as tintas ao diuino Amor, ou que elle vo-

las

offerece moidas para vos fazer companheiro, & ajudante seu no pintar, & copiar a morte do Senhor Iesu neste augustissimo Sacramento. Não se detiuerão tanto com o augu Sam Matheus, nem Sam Marcos. Ou digamos que se deuia à empresa de Sam Lucas principal em quanto chronista, a que elle dedicou logo o principio do seu Euangelho, que fo tratar do Sacerdocio de Christo Senhor Nosso *secundum ordinem Melchisedec*, o reparar Sam Lucas com tão mysteriosa repetição naquelle sangue, que na cruz da Sanctissima Cruz se offereceo, & derra-

§. VII.

Concluamos o Sermão, com satisfazermos brevemente a obrigação que temos de dizer da arte da pintura, que o dia he seo; a principal raiz, & fonte de toda a estimação, & preço desta arte, he parecerse mais no seu modo de obrar com os habitus intellectuais, que as mais artes cujos habitos residem nas mãos, ou dependem dellas; para a producção des seus actos. E assim como o sentido da vista he o mais perfeito, entre os sinco sentidos, porque no tocar do seu objecto he mais semelhante à potencia do entendimento que os mais; assim esta nobilissima arte parece que excede as outras polla dependencia particular, que tem da viueza da phantasia; os outros artifices em chegando a saberem a perfeição da sua arte, parece, que não tem mais esphera, & que se podem igualar huns aos outros no primor dos seus artefactos. Hum pintor não tem limite, nem esphera determinada, neste particular, porque sempre se pode exceder a si mesmo, & aos mais em fazer, que as pinturas representem mais, ou menos os affectos d'alma, & interiores sentimentos; que parece profissa esta arte fazer visiueis os pensamentos humanos; por isso lhe chamão muitos poesia muda, & á poesia, pintura; que falla. E bem assim como he hum dos grandes prodigios da natureza produzir tantas caras differentes todas como vemos no genero humano, assim he proprio de hum pintor nos seus

ſeus partos, & na ſua inuentiua propria (que não fallo copiar partos alheos) ſahir ſempre a luz com variedades, & deſiguais perfeiçcẽs, & ſemelhanças. Ora daqui vem, q na opinião dos bem entendidos, & de bom goſto, hu qua dro, & hum painel perfeito, não tem preço limitado; val t do quanto quizerdes dar por elle, parecendoſſe niſto com pedra precioſa, que achou lá o tratante e perolas do cap de S. Matheus, onde como nota noſſo grande Padre S. Auguſtinho diz o texto, que deo todos os ſeus bens por compr a dita pedra, não porq̃ ella naõ valeſſe muito mais, ſ po que não tinha o mercador mais, que poder dar por a ter mais, tudo ella valera. Aſſim hũa perfeita pintura parece que em certo modo tem niſto amagos de hum bem diuin & entra pellos arrabaldes das couſas a que o goſto, eſtimação, & juizo podem fazer ſuperiores a todo o dinheiro, & fazenda que poſſuirdes. Daqui naſce tambem vetmos, que os Apelles, & os Timantes; iſto he os pintores excellentes mais eſtimão, & eſtimarão ſempre o louuor, & fama que o dinheiro & interece. E niſto meſmo moſtraõ bem hũa brioſa, & generoſa condiçaõ, porque renegaiuos dos homens, com quem pode mais o interece, que a fama, & honra. Sabeis a que ſe podẽ aſſemelhar eſtes na vileza, & na baixeſa dos eſpiritos? a hum cão; que ainda que nas ſagradas letras he ſymbolo de algũas virtudes, & ſe falla delle *in bonam partem* accomodandolhe a ſignificação dos pregadores Euangelicos, & dos paſtores, & prelados, com tudo tambem em algũs lugares ſe traz o cão por ſymbolo de vicios, & vilezas grandes eſpecialmente da liſonja, & do interece 1. Regum cap. 17. *numquid ego ſum canis*. Deuteronomij. cap. 13. *mercedem proſtibuli, neque pretium canis in domo Domini*. Boa aduertencia para certa gente, que imagina pode ter mui obrigado a qualquer homem de juizo, & homem branco como dizem, ou de capa preta, à conta de o tratar como a hum cachorrinho de falda; expendamos o ſemelhante para aliuiarmos o faſtio do ſermão de tarde. Gracioſa couza he ver hũa donzella, ou dama ſecular entretendoſſe, & diuertindoſſe com hum ſeu cachorrinho, & toda occupada

& tão

...ão empregada como senão nascera para outros cuidados;
...llau... como se conuersara com hũa creatura racional;
...e dais licença chamalhe diamante; que os diamantes nomeie ordenadamente, porque se comprão a medo, & he mais fazer encher a boca delles, que a gaueta do contador. Eisque neste passo, vem recado de que entra visita, alto, sus Diamantes, fóra, fóra, despejar o estrado. Pois como Senhora tanto de bem, & rigor com o vosso Diamante? Si, que em tarde de visita, & dia de amante, não ha Diamante no mundo; & se elle se ...var, & fizer esquiuo conuosco de hoje adiante? olhai que he muito mimoso pouco importa, que enfim he cachorrinho, & hum gosinho muito vil, & sem sentimento algum de brio, & de valor. E na minha mão estão as pazes, se eu quizer porque com duas lambugens, & com hum pedaço de pão & com hum toto Diamante, seremos logo amigos. Vamos a alma da Metaphora; tal he a natureza de alguns homens vilissimos escrauos do interece; & tal he a confiança nescia, mas quiça por nescia bem succedida, que tem quem imagina, que com bolos, ou pratos pode suprir faltas da estimação, & soldar quebras fundadas em vilipendios mui consideraueis, & em descortesias, & desprimores, que comete sem falta contra vos, quem se persuade que a poder de lanços de interece, vos tem certo, & vos domina.

Digo mais, que os pintores tem obrigação de serem discretos, & bem entendidos; porque professão hum officio mui de corte, qual he o da adulação, porem exercitãono sem mentir. E isto quizera eu, que os imitarão os aduladores da Corte, & do paço, aos quais, eu de boa vontade, aponto os proprios pintores, por seus Mestres na materia da lisonja. Primeiramente he certo chamar a Sancta Escritura aos pintores lisongeiros, & aduladores. Ia ouuistes o texto do cap. 14. do liuro da Sabedoria; *ille enim plus placere volens, illi qui se assumpsit, &c.* Esta he a definição do adulador, he homem que leuanta aquella antiphona de placebo, mas não he em officio dos mortos, senão em maleficio dos viuos, que espiritualmente mata. Mas adula o pinzel sem mentir, porque imita a natureza, que he regu-

Sap. 14

reguladitſima em ſeus procedimentos, *& numquam deſit neceſſarijs*, ſobpena de que faltando, ſahirà a luz [illegible] Monſtro. Não fallo de quando excedem no retratar [illegible] tão mentem officioſamente em fauor do origina[illegible], & não como o Iuis que paſſa as commiſſoeus, que lhe deraõ, mas ra diſto, os pintores não mentem, porque elles não dize que he homem verdadeiro, o que vos moſtrão pintado, [illegible] affirmão que deixa de ſer o que vedes taboa, pano, tintas & oleos, mas todauia enganaõ tal vez com a perfeição, & viua ſa da arte, como ſe enganarão os outros, quando h[illegible] tou, & abanou a moſca, que o pintor tinha pintado na [illegible] do roſtro da Imagem; & o outro foi correr a quartina parecendolhe, que era verdadeira, & não pintada. Menos mal era fazeremno aſſim os aduladores do paço, enganem embora ſe poderem (permiſſiuamente o digo, não aconſelhando o defeito) mas não mintaõ; & quando mentirem fallem ſempre com grandes apparencias de verdade; & ſenão ſofraõnos o darmoslhe vaia, & o dizermos, que como a neſcios lhes eſtà, & corre mal o officio. Illuſtremos, & eſtendamos mais o diſcurſo, com aduertirmos, que ahi ha no mundo, enganar, ſem mẽtir, & mentir ſem enganar, & mentir, & enganar tudo junto. Enganar ſem mentir, nos pintores como tenho dito, o vemos, & na Cana, que metida debaixo dagoa, ſe vos repreſenta partida, & quebrada, & ella eſtà inteira, & nas cores deſſe arco celeſte que imaginais finiſſimas, & verdadeiriſſimas cores, & ellas ſaõ apparentes, ha tambem mentir, ſem enganar, & iſto he couſa muito ordinaria, & aſſim o reza, & teſtemunha aquella prouerbial ſentença, quem me mente, não me engana a Deos, & ao confeſſor, que no confeſſionario eſtá em lugar de Deos, mente o peccador muitas vezes, mas deſenganeſſe eſſe peccador, de que naõ engana, nem a Deos, nem ao confeſſor, em quãto eſtá em lugar de Deos, *Deus enim non irridetur*. Como dis S. Paulo, & expondo o *verus es* do noſſo thema, di[illegible]

Ad Gal. 6 a gloſa interlineal, *Deus enim non fallit, nec fallitur*, aquellas palauras que Dauid diſſe no cap. 1. do ſegundo liuro dos Reys

Interl. a Doegidumeo (que alguns dizem foi elle aquelle mal aconſelhado

lhad[illegible]enſageiro, ou hum ſeu filho, ſeruem muito a este in-
[illegible] *uis tuus ſuper caput tuum, os enim tuum loquutum eſt ad-*
ſu[illegible]te, dicens, ego interfeci Chriſtum Domini, valeo tanto co-
mo dizer, ſe me mentes não me enganas, bem entendeo Da-
uid que mentia, & que o pretendia enganar, mas tambem não
uvidou de Saul ſer morto. Vltimamente ha mentir, & enga
nar tudo junto. Iſto fazem muitas vezes os finos Hypocritas,
porque nos mentem com as palavras, & tal ves nos enganão
com as obras. Mentem em dizerem, que ſaõ ſervos de Deos,
[illegible] ſan[illegible]os, & enganãonos tal ves, ainda que não ſempre, porq
ſe elles ſaõ hyprocritas mofinos, a poucos paſſos, & a poucos
lanços, os vindes a conhecer polla pinta. Pois padre que mo-
do de fallar he eſſe? a bi ha hypocritas venturoſos? olhaime
não nego que geralmente fallando, & em rigor todo o pecca-
dor em quanto peccador he mofino, & todo o peccado he deſ
graça, & deſauentura, & a maior do mundo, mas digo, que nos
limites deſſa desgraça, & fallando nos Chriſtã, & Catholica-
mente, diſto que chamamos fortuna', temporalmente, & em
ordem ao commum ſentimento dos homens, ha huns pecca-
dores, que no ſeu genero, tem mais dita, que outros. Quem
pode duuidar da poſitiua desgraça, & infelicidade, que a Sa-
maritana experimentou com o mundo, & com o peccado? po
is ſeis homẽs (ou foſſem maridos, ou amigos) lhe não vieraõ a
importar, & montar mais, q̃ hum cantaro, & hũa corda? & do
filho prodigo que me direis, quando o conſiderardes tão va-
rado em terra amodo de uauio em eſtaleiro, que nem ſobre
hũa vara de animais immundos, que apaſcentaua tinha vara,
poder, ou iurisdiçaõ; & tão feito hum ninguem, que lhe reſpõ
dia, como amo, a quẽ ſeruia, hum ninguẽ, aſſim declaro eu, *o ne*
mo illi dabat, o Amo coſtuma dar de comer, ao ſeu criado, pois
ſabeis quẽ daua ao prodigo? *nemo*, para q̃ o imagineis tão vil, *Luc. 15.*
& taõ ninguẽ, q̃ era como ſeruo domeſmo ninguẽ *& nemo illi*
dabat. Algũs Hypocritas ha, q̃ cõ ſe matarẽ, & martyriſarẽ a pu
ras diſciplinas, & paes, & agoas, & outras penitẽcias, q̃ realmẽ
te fazem, não chegão a avançar o credito, & reputação q̃ deſe
jão. E deſtes fallou S. Pedro Chriſologo, quando diſſe *que cru-* *Chryſ.*

deli

de li arte ipſas virtutes obtruncant mucrone virtutum. Re
chegão a deſembainhar a eſpada da virtude, exercit
terialmente as obras, & o cuſtoſo della degolando
virtude com cutelo feito da meſma virtude, artificio, a
grande Padre, chama com razão cruel; eſtes ſaõ, os que eu cha
mo mofinos. Mas ha outros tão venturoſos, que fazem o que
fazem os outros homens, & viuem como os outros, & mais te
molos por Sanctos, & metemnos em cabeça, que fazem peni-
tencias, as quais lhes cremos, como por fè. E elles tem habili
dade, manha, & aſtucia para no meyo de ſeus rigores,
rezas, lograrem delicias, no meyo de ſuas humildades, profe
ſarem ſoberbas, & inſolencias, & no meyo de ſeu retiro, & a-
partamento ſuſtentarem correſpondencias com o mundo, car
ne, & diabo; enfim ſaõ da claſſe, & laia de aquelles, por quem
ſe diſſe, cobra boa fama, &c. tratai de os conhecer bem, fieis,
videte ne vos ſe ducant. Eu faço ſymbolo deſtes aquel-
le mao ſeruo de Miphiboſeth Syba, porque com ſer hũa má
peça, & hum mao cabrãoſinho, & com vir a dizer a Dauid cẽ
mil mentiras, & embuſtes, fingindo o que não era, foi tão ven
taroſo, que ainda deſpois de ſer conhecido, & de ſe ſaber a
verdade, por fim de contas; & a mao livrar, ſe fiquou em caſa,
com a metade da fazenda de Miphiboſeth; direis, que ſò hũa
boa parte teue *Syba* & hũa ſciencia mui importante, & neceſ-
ſaria para gente que viue em Corte, & foi ſaber dar a bom tẽ-
2. *Regũ* po, ainda que não ſeja paſſar de vuas paſſadas, & quem ſabia
4. dar as vuas a ſeu tempo, melhor ſaberia dar as paſſadas, gran
de habilidade para viuer em Corte; reſpondo que ten
ta razão, & que eſtou do meſmo parecer, mas ſe he conforme
eſſa faculdade, ou habilidade ao Euangelho de Ieſu Chriſto,
vós, o julgai,

§. VIII.

FAllando o noſſo texto tão expreſſa mente da Idolatria, &
involuendo com ſeus principios, na arte da pintura
menos concurſos de complice, ſenão achaques de principal
authora, & culpada, quanto a primeira face do lugar, parece
juſto, & mui poſto em razão para liuratmos eſta arte de toda
a má

a mà ſuſpeita, & calumnia neſta materia, fazermos mẽção das [illegible]neiras fontes da Idolatria, que ouue no mundo. Hũa foi o Ægypto, parto do Amor de hum pai mal anniuelado pel[illegible]razão, para com hum filho, & de mais vehemencia, que prudencia. O pai foi Syrophanes, de quem falla o author deſte liuro da Sabedoria no cap. 14. *acerbo enim luctu dolens pater [illegible]pti cito ſibi filij fecit imaginem*, que entre impaciencias no golpe, & perda do filho, & ſaudades na falta, & auzencia procurou engauar eſta, fazendo hũa Imagem, que obrou a ſculptura, & aperfeiçoou a pintura, ſe já não foi obra toda vnicamente do pinzel. E pello diſcurſo do tempo a familia de Syrophanes continuando em a coroar de flores, reſpeitar com continencias, venerar com perfumes; paſſarão as liſonjas de Amor, a adoraçoẽs, & ceremonias de diuindade, ſem tal ter paſſado polla imaginação ao artifice, que quando pintara entendeo ſòmente, que deſterraua, ou aliuiaua magoas paternais, & não que introduzia gentilicas ignorancias. O outro principio da Idolatria ſuccedeo nos Aſſyrios, ſendo author o Amor de hũ filho para com hum pay; que impoſſiuel era ſabir iſto, que chamamos idolatria da eſphera, & limites do Amor; & ſò eſte ſe podia atreuer a ſemelhantes furtos do ptoprio ſer diuino; porque profeſſa dar tudo quanto entende, & não ſei ſe entende bem tudo, quanto dá. O filho ſaudoſo do pay foi elRey Nino, o pay foi Belo, do qual dizem graues authores ſe deriuarão os nomes dos Idolos Bel Baal, Baalim Beelzebu, Beel Phegor q̃ nas ſagradas letras vemos; & a primeira prẽda de diuindade, q̃ Nino quis vincular á eſtatua, que a ſeu pay mandou leuantar foi fazela couto, & ſagrado a todo o genero de condenado á morte, ou pronunciado á priſaõ, que fugindo a tocaſſe, que pello meſmo caſo ſiquaua liure; interece, & fruto, q̃ com mais razão conduzio diuindades, que as flores de Syrophanes: porque Deoſes, que não liuraõ, eſtão bem liures de ſer em Deoſes; tambem o eſculptor, & pintor que obrarão eſte primeiro Idolo, não ſe deuem auer por culpados, ſaluo ſe tinhão tanto de Prophetas, como de pintores. Qual deſtas duas raizes da Idolatria, aja ſido primeira conforme a computa-

ção dos annos, remeto aos diſcurſiuos curioſos. Se pre-
ue por couſa ſe curioſa mui cançada auerignar
des, & precedencias de tempo maiormente ſte id
tanta variedade nas hiſtorias, & annais, de que n. va-
lemos. Differaeu, que faz ſempre tantas ventagens o A-
mor que os pays tem aos filhos, ao Amor que os filho
te m aos pays, que impoſſiuel ſeria não dar em primeiro
Idolatra o Amor de hum pay, & auer amor de filho, que
com ſemelhantes eſtremos ſe lhe adiantaſſe, ou ganhaſſe
o bolo. Mas digo o meu parecer mais como Philoſoph-
que como hiſtoriador. Rodando deſpois os annos ſe in-
troduzio outra Idolatria no mundo, effeito puramente
do temor; porque ouue muitos Reys, & Tyrannos, que
com poderoſas violencias, & violentas extorſoens obri-
garaõ a ſeus ſubditos, a que os teueſſem por Deoſes, ou
pello menos como a tais os veneraſſem, mandandoos
proſtrar ante ſuas eſtatuas de ouro tal vez como a de Na-
bucho, neſcios (ſobre o erro capital) tambem em não
aduertirem que mais pareceria feita a adoração ao ou-
ro material da imagem que aos viciоſos, & indignos ſu-
geitos, que ella repreſentaua, pello menos diſſera eu que
com o ouro tambem a naõ merecer, mais digno era del-
Roberto Holcoth la que o peccado, & ambiçaõ de ſeus donos. Eſta força
parece, que tocou o texto ſagrado naquellas palauras,
& Tyrannorum imperio colebantur figmenta. Por maneira que
o medo foi outra cabeça da Idolatria no mundo, & por
iſſo diſſe o Poeta (como notou hum Douto no Com-
mento do capitulo quatorze deſte liuro) *primus in orbe*
Deos fecit in eſſe timor; mas deue entenderſe ſem dano da pri-
maſia do Amor.

Soppoſtas pois eſtas duas Idolatrias Originadas d
Amor, & do temor; ſejame licito perguntar para que
ecolhamos algum penſamento com que nos conſoi-
mos, & animemos todos os bons, & leais Portugueſes
a qual dellas eſtá naturalmente mais expoſta, & abicada
a natureza, & condição, dos Portugueſes ? Repreſen-
ta-

leme que eſtais zombando de mi por me ver pôr em
q[illegible]uſa, que parece taõ fora de toda a duuida, co-
o b[illegible] ſerem os animos dos Portugueſes mais inclinado
Am[illegible], que a temer, & pagarem tão manifeſta penſaõ
ta paixão de Amor, na opiniaõ de todas as naçoẽs eſtran
eiras, que todos com razão nos chamaõ os Portugue-
es derretidos de Amor. Digo que tendes muita razão;
mas tambem me não falta para dizer, que ſe hoje ha neſ-
te Reyno Portugueſes, que tem os coraçoens, & os pen-
ſamentos em Caſtella, ſem duuida eſtes falſificão, & a-
d[illegible]teraõ eſta boa fama, & opinião que de nós ſe tem; &
mais querem fazer do Rey de Caſtella hum idolo por
temor, que do noſſo Pio, & grande Rey, & ſenhor noſſo
Dom IOAM O QVARTO de Portugal, Idolo a-
dorado por Amor, fallei conditionalmente dizendo,
ſe os há, porque por me não render a tamanha magoa,
o menos, que farei, ſerà deſmentir viſtas, & experienci-
as. Não ha que duuidar, de que o medo he o que anda to-
cando caixa (ſe ſe toca) & fazendo gente para Caſtella-
porque o Caſtelhano, não teue procedimentos, nem
qualidades, que poſſaõ executar por Amor, ou que o fun-
dem, & ſolicitem. Homens neſcios, & deſalumbrados,
que deueis a Caſtella ? iniurias ; vexaçoens, oppreſſo-
ens, infamias. Homens deſauenturados, & preſcitos, &
he poſſiuel que antes queirais deferir a hũa Tyrannia in-
truſa, que a hũa verdadeira, & ſuauiſſima ſucceſſaõ, &
herança? Homens peccos, & ignorantes, antes quereis
obedecer a hum Rey eſtranho, & de differente nação,
que a ahum Rey voſſo legitimo, & natural Senhor que
he *os noſtrum, & caro noſtra ?* E he poſſiuel que ajão de va-
ler mais com voſco mentiras do Caſtelhano, para voſſo
dano, deshonra, & catiueiro ? que verdades do voſſo
Rey Portugues, para noſſo proueito, honra, & liberdade? lem-
braõme aquellas palauras, com que Tertulliano procuraua en
uergonhar aos Chriſtãos, & fazerlhes as faces vermelhas
propondolhes os exceſſos, que os gentios fizerão por pura
vaidade

v:idade,& as fuerzas, que nelles se achauão deuen ser lhes de apoio,on de espora a verdade do Christia[illegible] de materia de pejo serâ para nos (dis o grande Padr[illegible] *mi dauerimus pati pro veritate, in salutem, quæ illi asse[illegible]runt pro vanitate in perditionem.* Boas palauras para cifra, & le[illegible] ou tenção, escritas nas bandeiras da nossa milicia na occasi presente *pro veritate in salutem.* Pelejamos polla verdade [illegible] nossa *justiça*, para saluaçaõ nossa, para liberdade nossa, & para remedio nosso. E os infelices bastardos, & adulterinos animos dos que se inclinarem a Castella, saibão, que se matão [illegible] *nitate in perditionem*; conferi, & combinai (Portugueses) [illegible] gaçoẽs, em que estais a Castela, com as obrigaçoẽs, em que nos tem posto, a pia, & Augusta Magestade delRey nosso Senhor, & vede quais fazem maior balança; mas aueis de po[illegible] da parte de Sua Magestade todas as boas obras, que deueis a os Senhores Reys seus avós, & antecessores, que com a repre sentação que lhe deo o Reyno anda tambem junta a represen tação destas diuidas, & das paternais grandezas, & beneficios com que sempre nos souberão obrigar. E se vos não querris valer destas memorias, por naõ ser necessarias, digo que largamente basta, o que elRey nosso Senhor tem feito & tem padecido nestes quatro annos despois de sua felicissima, & milagrosa acclamação; respõdẽdo igualmẽte a obrigação, em que nos ha posto, à grandeza de animo, que nesta empresa tem ostẽtado; a qual, eu ja em algũa occasião pretendi declarar com dizer, que maior animo, & valor mostrou S. Mag.no que deixou, que elle proprio, & muitos Reys do mundo, & Emperadores Romanos no que emprenderaõ; elles mostrauaõse animosos, & valerosos no que emprendiaõ, mas não no que deixauão, & ãrriscauão. Hum Philosopho dera a entender isto com os termos *de termino aquo, & de termino, adquem*, no mouimento natural. Mais valor argue o termo, *aquo*, desta acção do nosso Principe, que o termo, *adquem* de muitos, que nest mundo aspiraraõ a Coroa; porque elRey nosso Senhor ar[illegible] cou Reyno, que tinha, não para acquirir Reyno (que pois este ja era seu, bem se pode dizer que o não acquirio de nouo)

mas

-- sor ente o go uerno delle, para bem, & remedio noss . E
... ta, que menos glorioso feito he, o de quem pretẽ-
hur Reyno, sem risco de perder outro. Muitos dos Cesa-
- Romanos se deixarão acclamar Cesares, sem se auentura-
a (fora do perigo da vida, que deste não fallo) a perder ma
que as armas com que o intentaraõ. Acrescem a esta pri-
ra obrigaçaõ, as outras que resultaõ de termos experimẽ
o as afliçoens de animo, desuelos, & cuidadosas ansias, q̃
m custado a S. Mag. assistir ás cousas da paz, & da guerra
est Reyno, em quanto uestes primeiros annos importaua
procurarlhes o deuido assento, & concerto. Vede se custaraõ
tanto cuidado, & assistencias ao Castelhano, as conquistas de
ortugal, em sessenta annos, que como escrauos o seruistes.
Ora passe por pique, & galantaria, se bem, naõ sem bastante
fundamento em bem pouco aprasiueis experiencias. Parece-
me que no dia do Iuizo, Vniuersal o mesmo Rey de Castella
poderá acusar aos Portugueses, que o seguirem com aquellas
palauras, que o glorioso S. Cypriano, poem na boca do Diabo
acusando aos Christãos, que se perderem. Senhor Iusto Iuis
sois; fazeime justiça, *isti, sæpe mihi gratis animam suam vsque ad
obitum vendiderunt*, eu nada padeci por elles, & naõ lhes fis bẽ
algum, antes infinitos males, & afrontas, & com tudo mais me
quizeraõ seguir, & seruir ami; que a vòs, Senhor, que sois seu
criador, seu Redemptor, & que por elles padecestes tanto; o *S. Cypr.*
que cousa serà fallar então o Castelhano como o diabo, & o
diabo como o Castelhano! Mas façamos o sinal, da cruz fugin
do, & guardandonos de ambos, & passemonos ao vltimo dis-
curso do Sermão.

§ IX.

E Será o vltimo remate do Panegyrico da pintura. Mas
qual imaginareis virá a ser o vltimo elogio, com que por
fim a illustraremos? Cuidais por ventura, que he prouar larga
mente ser verdadeira arte liberal pollos effeitos, & outrosi
na definição que compete às liberais? Não he isto o que pro
meto; nem o que quero examinar, porque muitos authores o
tem ja feito os quais com grande justiça naõ querem estar
por

por aquelle primeiro numeto, & distribuição, ou di[illegible]
sete artes liberais, em que não entraua a pintura [illegible]
dicina, & a ambas se fazia, em serem excluidas, [illegible] esto
grauo. Pois que louuor será o que vou buscando? chama
pintura arte diuina? isto fes ja hum Douto; & o tras de Qu-
tiliano, & de Marco Tullio tambem; os quais affirmarão
aos pintores deuião os antigos o conhecimẽto dos seus Deo-
ses, pois lhes não sabião outras caras, senaõ as que os pintores
lhes quizerão debuxar, & colorir. Quintiliano fallando de
Zeuzis, *ille vero ita circumscripsit omnia, vt eum legũ latorem vocẽt,*
quia Deorum, atque Heroum effigies, quales ab eo sint traditæ, c[illegible]
tamquam id necessesit, sequuntur. E Cicero lib. 1. de natura *Deo-*
rum. Deos nouimus ea facie, qua pictores, fictoresque voluerunt. E po
essa razaõ como *ab effectu, ou causaliter* lhe punhaõ nome de ar-
te diuina, a arte de pintar. O quanto menos profana, antes na
da profana, & mais verdadeiramente podemos nós applicar
a esta arte titulos, & assomos de diuino artificio, se posermos
os olhos nos proueitos espirituais, & progressos de deuaçaõ,
& feruor, que causa nas almas, mediante a fermosura, & orna-
to das sagradas Imagens, que christã, & catholicamente vene-
ramos! Com resoluçaõ, & certesa de Fé, que o Sancto Conci-
lio Tridentino definio (despois de outros Concilios mais anti-
gos) apontando com estas grauissimas palauras, as vtilidades,
& acrescentamentos de espirito, & saudaueis mouimentos, q̃
da adoraçaõ das, Sanctas imagens recolhemos, na sessaõ 25. [illegible]
tul. 2. *Ex omnibus sacris Imaginibus magnum fructum percipi, non se-*
lum, quia admonetur populus beneficiorum, & munerum, quæ a Chri-
to sibi collata sunt, sed etiam quia Dei per Sanctos miracula, & salu-
ria exempla oculis fidelium subijciuntur, vt pro his Deo gratias agant,
ad Sanctorumque imitationem, vitam, moresque suos componant, exci-
tenturque ad adorandum, & diligendum Deum, & pietatem colend[illegible]
E para que estes fructos, & intereçes senão percaõ por causa
da imperfeiçaõ, indecencia, & impropriedade das pintur[illegible]
com aquella maduresa de juizo, inteiresa de consciencia, [illegible]
cunspecçaõ de sciencia, & zelo da honra de nossa Sancta Fé
catholica, cõ q̃ em tudo procede o Sancto Tribunal da Inquisi-
çaõ

Possevi no de pie a po esi.

Quinti liano.

Marco Tullio.

Concil. Tridẽt.

n ordenado que todas as pinturas, que de fora do Rey
a elle, sejaõ (bem assim como os liuros, attenta, &
rigorosamente examinadas digo finalmente, que o louuor, q
sperais (para que vos naõ suspenda mais) he ter para mi, q
, odemos affirmar, que o mesmo Christo IESV Senhor &
Redemptor Nosso com sua propria maõ quis honrar, & acre-
ar esta arte. E parece a maior cousa, que em seu louuor, po
demos allegar, lembremse da historia, & embaixada d' el Rey
Abagaro de Edessa, que refere o Cardeal Baronio, & a traz
de S. Ioaõ Damasceno, quando Christo Senhor nosso vio, q
o pintor que o Rey mandara, para que lhe leuasse hum retra-
to seu, temia prudente, se desmayaua pintor entre os valentes
resplandores, & alentados rayos daquella sacratissima face,
& gesto, breue summa da mais ineffauel Magestade, & que a
propria maõ do perdido, & vacillante artifice se ameaçaua cõ
tremulos desacertos, & descompassados tremores separaçaõ
do mesmo braço, ou estupor, & pasmo perpetuo, em pena de
auer empunhado o pinzel atreuida, misericordiosamente libe
tal de si proprio, tomando com sua propria maõ o lenço, o
chegou a seu diuino rosto, & o deixou nelle impresso, & es-
tampado ao viuo, & naturalissimamente, passando o milagre
ainda muito alem da esphera de todo o possiuel espanto, &
assombro da arte, & da natureza. *Historiæ proditum est* (dis Da-
masceno, *cum Abagarus Edessæ Rex, eo nomine pictorem misisset, vt*
domini imaginem exprimeret, neque id pictor, ob splendorem ex ipsius
vultu manantem, consequi potuisset, Dominum ipsum diuinæ suæ, ac
diuinæ facici, palitium admouisse, imaginemque suam ei impressisse.
Que tem que ver com esta honra, & gloria dos pintores, o a
verem sido muitos Reys, Principes, & Emperadores Roma-
nos insignes nesta arte? Cousa em que por ordinaria, & triui-
al naõ quis gastar tempo. E auer sido o segũdo filho del Rey
Numa Pompilio chamado Fabio, taõ affeiçoado a ella, &
naõ primo nella que foi em causa de toda a familia, & Posi-
ridade dos Fabios se prezarem muito dos sobrenomes de
pintores, que tomaraõ. E outrosi auer hum Emperador, que
dizem foi Constantino Oitauo, que despois de priuado do

Imperio, se valeo desta arte, para se sustentar dos gan[illegible]
l a? Acrescento mais, que hũa vez admittido o po[illegible]
uar a razão de credito, & honra desta arte o estamparse Christo Senhor nosso com seu diuino poder a si proprio, aprouando com isto o que o artifice professaua, & emprendia, tambem nos podem accumular creditos, & luzimentos da pintura aquella estampa, que com irrefragauel tradição da Igreja temos recebida, & chamamos a Sancta Veronica, & outrosi aquelles sinais sagrados, que no Sancto Sudario veneramos. E parece certo, que quis Christo Senhor Nosso mostrar com estas tres copias, que em todos os tempos, & em todos os estados pretendia honrar esta venturosa arte, antes da morte, no tempo do padecer, & despois de morto; antes da morte com o caso de Abagaro Rey de Edessa, no tempo da paixão com o encontro da Sancta Veronica, & despois de morto com as lastimosas estampas do Lençol Sancto de sua mortalha. E para que vejamos que tambem a Virgem Sereuissima Senhora N. para honrar esta arte, quis mostrar, q̃ no Ceo se pintaua, & que auia Anjos pintores (queira Deos que aja pintores Anjos) vos naõ quero trazer a memoria, mais que aquelle milagroso quadro de meu glorioso pay, & Patriarcha, que se chama de S. Domingos de Suriano, do qual em quanto nos não consta de pintor algum, que no mundo o fizesse, seguramente podemos dizer, que foi obra feita por mãos dos Sanctos Anjos.

Soberanos Pintores, diuino Amor, & extatico Lucas offereco humilde, & suspendo desconfiado esta pequena taboa de toscos, & mal limados discursos meus, & louuores vossos, ante as sagradas aras de vosso merecimento. Perdoaime minhas insufficiencias, aduertindo, que he impossiuel talento humano fazer bem as partes de bom Athlante de taõ diuino, & celeste peso, & taõ superior obrigação. Alguem disse ja bem, que era defeito glorioso de hũa eminencia, o não poder ser bem seruida. *Hæc faciebat* o meu desejo, mas não acabou de perfazer o meu entendimento para que me valha do termo *faciebat*, com que os pintores, & esculptores ãtigos, com confissoens mouestas das proprias faltas entabolauaõ, & asseguranão discretos, a

maior

imação de ſeus trabalhos, & a mais encarecida liſon
eir s, que eternisauão. E vos amorosissimo Chro-
sta, charissimo Medico, & pintor clarissimo Glorioso S. Lu-
s alcançaimos a todos da Virgem Serenissima Senhora Noſ
, a quem com tão precioſos, & agradaueis obſequios obri-
gaſtes nos alcance ella do diuino Amor forças, & diſpoſiçaõ
baſtante, & neceſſaria para podermos lograr o diuino retra-
to; q' neſſe Augustissimo Sacramẽto nos deixou deferindo ma
s a noſſo remedio, que a ſeu proprio goſto, inculcando ven-
tagens noſſas, & fructos noſſos, confutando, & confundindo
mentiras, & enganos do mundo, & entaõ confeſſaremos,
que o logramos, quando mereçamos, recebendoo
dignamente, participar copioſos augmẽtos de
ſua diuina graça penhor da gloria, *quã*
mibi, & vobis præſtare digneur, qui
viuit, & regnat per infini-
ta ſæculorum ſæcu-
la. Amen.

Taxão eſte Sermão em reis.

Coelho. *Ribeiro.*

BIBLIOTECA
1
ABR
41
2783

BIBLIOTECA